



UNICAMP

P29.04

**EVENTO:** "FENÔMENO DEBORAH COLKER AGRADA AO PÚBLICO EM LYON"  
**VEÍCULO:** O ESTADO DE SÃO PAULO  
**DATA:** 18 de Setembro de 96  
**PÁGINA:** D-6  
**SEÇÃO:** CADERNO 2



ARTES CÊNICAS

# Fenômeno Deborah Colker agrada ao público em Lyon

*A coreógrafa foi ovacionada pelos dois trabalhos do grupo, 'Vulcão' e 'Velox'*

HELENA KATZ  
Especial para o Estado

LYON — Deborah Colker não sabia mais o que fazer porque o público aplaudia de pé e gritava, e a cortina abria e fechava, e a companhia agradecia sem parar. Até "merci" ela disse. Sua estréia na 7ª Bienal de Dança de Lyon, na França, recebeu uma longa ovação.

Aqui, o "fenômeno Deborah Colker" se repetiu, mostrando não ser apenas brasileiro. O espetáculo reuniu excertos da coreografia *Vulcão*, de 1995, o trabalho que lançou a companhia no mercado, e de *Velox*, criada no ano passado. Sim, a companhia tem apenas dois anos de vida, um repertório de duas obras e plátêias calorosíssimas. Pelo já visto, vai longe. Ainda bem.

É muito saudável, para a dança brasileira em geral, que um público ausente do movimento local seja cativado. Deborah Colker fala diretamente à pulsação da moçada pop. De corpo para corpo, em conexão sinestésica. Ela põe em cena o "ideal olímpico" da geração saúde.

Mostradas lado a lado, num mesmo espetáculo, as três seções de *Vulcão* e as quatro de *Velox* esclarecem

o que é que tanto toca os públicos. Em primeiro lugar, aparece "como" tudo acontece. O impecável profissionalismo da produção e o espantoso desempenho do elenco alimentam os valores mais caros aos filhotes do "boom



*'Velox': profissionalismo impecável e desempenhos espantosos*

do corpo" dos anos 80: juventude e beleza.

Conferir o que Tatiana Frances e Luciana Brites ou o que Cláudio Ribeiro e Marcelo Lopes fazem naquele palco quase que faz acreditar na reencarnação: uma vida só não dá para um pobre corpinho mortal chegar naquilo tudo.

Quando Jefferson Antônio abre um sorriso matreiro, ao fim da sua chocante performance na parede do "Alipinismo", é essa cumplicidade que está sendo celebrada. E a galera não resiste: explode em aplausos que são, em última instância, a comemoração de um

Shangri-lá coletivo. E quem é que resiste a um Shangrilazinho rápido, neste mundo cada dia mais ameaçador?

Há, contudo, um problema estrutural na coreografia de Deborah Colker e ele é exatamente

aquele que a consagra junto a este público. Ela trata o movimento como uma professora criativa, explorando-o como se fosse um exercício. Isso a condiciona a aprisionar numa bidimensionalidade empobrecedora os volumes do palco e o dos gestos.

Talvez Deborah Colker deva buscar um outro tipo de trilha sonora, que lhe exija frases mais longas e mais trabalhadas. Seria importante testar o tipo de movimento que a fascina e que é totalmente "se isto, então aquilo", fora dessa prisão. Por enquanto, os gestos dizem explicitamente que estão lá para dar resultado funcional: para mostrar habilidades — todas elas realmente impressionantes.

Mas a especificidade do gesto de dança não se encaixa neste modelo. Os passos de dança não servem para nada, só para se organizar como dança. Por isso, deixam de ser exercícios.

Com um elenco que cresce como conjunto a cada nova temporada, com a sua inacansável força voltada para o trabalho, Deborah Colker, com certeza, vai chegar lá.

**E**LA PÕE EM  
CENA O IDEAL  
OLÍMPICO  
DA GERAÇÃO  
SAÚDE:  
JUVENTUDE E  
BELEZA